

O FERRO NO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO DO CENTRO HISTÓRICO DE MAPUTO

Manuela P. Rosa¹

Luís E. da S. Lage²

Roberto A. João³

Jorge F. H. de I. Campos⁴

Carlos T. G. Trindade⁵

Resumo:

Os centros históricos possuem recursos patrimoniais consideráveis que honram o legado e o conhecimento gerados pela humanidade no passado, sendo fundamental preservá-los e transmiti-los às gerações futuras, conforme preconiza a sustentabilidade cultural. Com a Revolução Industrial, foram desenvolvidos materiais inovadores na composição dos elementos arquitetónicos, como o ferro fundido e o ferro forjado, que passaram a integrar a composição dos edifícios, valorizando a paisagem urbana e adaptando-se a diferentes movimentos artísticos e períodos culturais. Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar a importância dos elementos decorativos em ferro na linguagem arquitetónica dos edifícios antigos localizados no centro histórico de Maputo, Moçambique, e construídos no final do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX. Para o efeito, seguiu-se uma abordagem qualitativa baseada na revisão de literatura e na realização de visitas técnicas que incluíram observação direta e registo fotográfico. Os resultados indicam que os elementos decorativos em ferro apresentam grande expressividade e são indicativos dos ricos períodos culturais do Ecletismo, pontualmente da Arte Nova e, em maior escala, da Arte Déco, conferindo valor estético à paisagem urbana e contribuindo para a identidade cultural desta cidade. Conclui-se que estes elementos representam uma oportunidade para aumentar a atratividade do centro histórico e promover o turismo cultural, sendo, pelo seu valor, fundamental a implementação de estratégias para a sua reabilitação e preservação.

Palavras-chave: Arte Déco, Ecletismo e Arte Nova, centro histórico de Maputo, fachadas históricas, ferro forjado, ferro fundido, património arquitetónico, sustentabilidade cultural.

¹ Centro de Investigação em Turismo, Sustentabilidade e Bem-estar - CinTurs & Instituto Superior de Engenharia Universidade do Algarve. mmrosa@ualg.pt

² Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane (FAPF-UEM).
luís.lage@uem.mz

³ (FAPF-UEM). roberto.joao@uem.mz

⁴ (FAPF-UEM). jorge.campos@uem.mz

⁵ (FAPF-UEM). carlos.trindade@uem.mz

IRON IN THE ARCHITECTURAL HERITAGE IN THE HISTORIC CENTRE OF MAPUTO

Abstract:

Historic centres possess considerable heritage resources that honour the legacy and knowledge generated by humankind in the past; it is essential to preserve them and pass them on to future generations, as advocated by cultural sustainability. With the Industrial Revolution, innovative materials were developed for use in architectural elements, such as cast iron and wrought iron, which became integral to the construction of buildings, enhancing the urban landscape and adapting to different artistic movements and cultural periods. In this context, the present study aims to analyse the importance of decorative ironwork in the architectural language of historic buildings located in the historic centre of Maputo, Mozambique, and constructed in the late 19th century and the first three decades of the 20th century. To this end, a qualitative approach was adopted, based on a literature review and technical visits, which enabled direct observation and the taking of photographs. The results indicate that decorative ironwork is highly expressive and reflects the rich cultural periods of Eclecticism, occasionally Art Nouveau and, on a larger scale, Art Deco, adding aesthetic value to the urban landscape and contributing to the cultural identity of this city. It is concluded that these elements represent an opportunity to enhance the appeal of the historic centre and promote cultural tourism, making it essential to implement strategies for their restoration and preservation.

Keywords: Art Deco, Eclecticism and Art Nouveau, Maputo’s historic centre, historic façades; wrought iron, cast iron, architectural heritage, cultural sustainability.

1. INTRODUÇÃO

Os centros históricos desempenham um papel decisivo na preservação do património tangível e intangível para as gerações futuras. Estes espaços culturais possuem recursos consideráveis que honram o legado associado à informação e ao conhecimento desenvolvido pela humanidade no passado, sendo essencial identificá-los através de uma abordagem científica. A preservação e a valorização dos centros históricos contribuem para a criação de ligações tangíveis entre o passado, o presente e o futuro, favorecendo o desenvolvimento sustentável.

O termo “sustentável” traduz-se na qualidade de manutenção de algo, que pode continuar por um período de tempo indefinido. Em consequência, em termos culturais, há que preservar a identidade cultural dos territórios, considerando a sua diversidade, e recuperar um sentimento de pertença a um território, contribuindo para uma sustentabilidade cultural.

Uma das mais antigas referências à associação da diversidade cultural com a sustentabilidade foi apresentada por Jacobs et al. (1987). Entretanto, a sustentabilidade cultural tem sido assumida como uma das dimensões do desenvolvimento sustentável (Hawkes, 2001; Sachs, 2002; Soini e Birkeland, 2014; Dessein et al., 2015) e está associada à preservação do património tangível e intangível, à produção artística, bem como aos conhecimentos e competências de grupos sociais, comunidades e nações (Stylianou-Lambert et al., 2014). De facto, dada a importância de conservar, manter e preservar o capital cultural em diferentes formas, como a arte, o património, o conhecimento e a diversidade cultural para as gerações

futuras, a cultura passou a ser reconhecida como um pilar independente da sustentabilidade social (Soini e Dessein, 2016).

Estas questões socioculturais estão relacionadas com um sentimento de pertença, de identidade e de desenvolvimento pessoal e comunitário. A conservação do património vernáculo assegura a continuidade das paisagens culturais e a salvaguarda, para as gerações futuras, das tradições construtivas ligadas a movimentos artísticos.

Com a Revolução Industrial, no final do século XIX e no início do século XX, a construção e a reabilitação de edifícios ficaram marcadas por um uso intenso de materiais e técnicas decorativas inovadoras. Essa modernização recorreu, em particular, à serralharia artística em ferro fundido e ferro forjado, aplicada em gradeamentos exteriores, portões, bandeiras e numerosas outras ferragens visíveis nas fachadas. Reconhecendo a relevância destes elementos na arquitetura desse período em Portugal, esta investigação centra-se nos componentes estruturais e decorativos em ferro fundido e forjado no património arquitetónico, enquanto objeto de estudo. A paisagem urbana foi profundamente marcada pela introdução destes novos materiais, que permitiram estruturas mais leves e decorações mais exuberantes.

Nesse período, em Portugal, ergueram-se edifícios de arquitetura funcional, em zonas nobres e em áreas de expansão ou de renovação urbana. Ocorre uma utilização intensa de elementos decorativos em ferro forjado e fundido, aplicados em amplas frentes urbanas. A fundição, enquanto ramo siderúrgico ligado ao desenvolvimento industrial nacional, afirmava-se sobretudo no Porto e em Lisboa, e a serralharia passou a ser amplamente utilizada como recurso decorativo. Efetivamente, o ferro teve um papel decisivo na transformação da fisionomia das cidades oitocentistas (Cervera Sardá, 2006) e na paisagem urbana dos inícios do século XX.

A questão que se coloca é se no final do século XIX e no início do século XX esta utilização massiva do ferro fundido e forjado na arquitetura dos edifícios ocorre no então Império Português, mais especificamente, em Moçambique, caracterizado por uma economia virada para a África do Sul e a Rodésia. Nesse período de colonização, a urbanização foi assumida com o objetivo de controlar o território, organizar o sector económico e afirmar simbolicamente a presença portuguesa.

É este o contexto da emergência da cidade de Maputo (então Lourenço Marques) que se expandiu a partir de um porto e frente ribeirinha (polos de exportação/importação, administração e armazenamento) e de uma linha de caminho de ferro (que permitia ligação ao Transvaal), organizando-se os novos bairros em torno de eixos estruturantes (sob a forma de avenidas) que facilitavam a circulação e o policiamento.

No início do século XX, emergiram novos bairros planeados para os europeus com uma especialização funcional que se traduzia em zonas de equipamentos administrativos e militares (governo, quartéis, alfândega), de habitação para funcionários e comerciantes, de áreas de serviços e comércio na Baixa, e de periferias residenciais para as comunidades africanas locais (exemplo urbanístico de segregação socioespacial). Desenvolveram-se infraestruturas urbanas (saneamento, água, iluminação, pavimentação) e espaços de representação (praças, jardins, edifícios públicos monumentais).

A arquitetura importada da Europa e de Portugal, em particular, foi sendo difundida através de estilos associados à modernidade desse período, surgindo em edifícios públicos, residenciais e comerciais com linguagem eclética e, mais tarde, com influências modernistas. Foram-se

assumindo, progressivamente, adaptações arquitetónicas ao clima local, como sombreamentos, alpendres e pé-direito alto.

Entende-se que é nos centros históricos que normalmente prevalecem os valores mais autênticos, ainda resistentes à massificação homogeneizadora da vida moderna (Aguiar, 2005). A perceção da importância desta escala macro, levou à consideração do centro histórico de Maputo como área de estudo da presente pesquisa, tomando-se como período temporal as últimas décadas do século XIX e as primeiras três décadas do século XX. Em relação aos inícios deste século XX, consideraram-se edifícios com arquitetura pré-moderna, designação que remete para as práticas e narrativas arquitetónicas anteriores ao Movimento Moderno na arquitetura, correspondendo a um período de transição e de conflitos - culturais, tecnológicos e sociais (Montaner, 2001).

Focalizou-se a análise nos edifícios classificados na Lei 10/88 de 22 de Dezembro sobre a Proteção do Património Cultural e nos edifícios pré-modernos inventariados nos estudos realizados pela Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane (FAPF-UEM), em 2010, que identificaram cerca de 200 edifícios a classificar na Baixa de Maputo.

Pretende-se compreender se ocorreu um efetivo uso de ferro fundido e forjado em estruturas, varandas e gradeamentos do edificado, e se surge intrinsecamente ligado à evolução das estéticas artísticas, como o Ecletismo, a Arte Nova (Art Nouveau) e a Arte Déco, agindo como um motor da globalização cultural.

2. ELEMENTOS DECORATIVOS DE FERRO FUNDIDO E FORJADO NOS MOVIMENTOS ARTÍSTICOS

As transformações tecnológicas inerentes ao processo de industrialização do século XIX viabilizaram o desenvolvimento de novos métodos de produção e de aplicação de materiais no âmbito da construção. A crescente acessibilidade ao ferro fundido - favorecida pela mecanização, pelo aperfeiçoamento de ferramentas, pela inovação nos fornos e pela consolidação de processos industriais - conduziu ao aparecimento de ligas e variantes do ferro, ampliando o leque de possibilidades quer do ponto de vista estrutural, quer no plano ornamental e artístico dos elementos produzidos.

Neste contexto, um número significativo de edifícios urbanos passou a incorporar, nas fachadas, dispositivos e ornamentos metálicos. Estes artefactos afirmaram-se como marcadores de estatuto, associados a uma burguesia economicamente consolidada, que transformou o tratamento das frentes edificadas num instrumento de representação social e de adesão às linguagens artísticas vigentes. A difusão desta componente decorativa através da produção arquitetónica constituiu, assim, uma forma de legitimação e visibilidade pública de determinados agregados familiares.

A utilização do ferro na arquitetura generalizou-se, em parte, pela maior disponibilidade do material, mas também pela influência de correntes teóricas e estéticas associadas aos movimentos artísticos. Compreende-se, neste sentido, que desde finais do século XVIII o ferro tenha permitido a concretização de soluções de grande escala - nomeadamente cúpulas neoclássicas - resultantes da articulação entre conhecimento de engenharia e conceção arquitetónica.

A produção artística oitocentista caracteriza-se pela prevalência de matrizes estéticas neoclássicas, revivalistas, românticas e naturalistas, frequentemente articuladas de forma eclética. Estes referenciais recuperam e reinterpretam repertórios formais de períodos anteriores, ajustando-os aos enquadramentos socioculturais do século XIX e às dinâmicas da industrialização, que passaram a condicionar a construção corrente através da introdução de novos materiais e produtos seriados, com particular relevo para o ferro e o vidro.

No que respeita à relação entre a utilização do ferro e os movimentos artísticos, considera-se, em termos gerais, que a segunda metade do século XIX é marcada por dois grandes ciclos culturais e estéticos com expressão transversal às artes: o Romantismo e a Arte Nova (Gympel, 1996).

O Romantismo - frequentemente entendido, no domínio arquitetónico, como Historicismo - corresponde ao período dos revivalismos, isto é, da apropriação e recombinação de estilos históricos, adaptados às especificidades nacionais e regionais. É também neste quadro que o ferro fundido começa a assumir um papel progressivamente mais significativo em soluções de natureza estrutural e construtiva, no âmbito da chamada “arquitetura do ferro”. De forma paradoxal, o racionalismo iluminista associado ao Neoclassicismo contribuiu para a emergência do Romantismo, desencadeando uma reação de pendor sentimental, ancorada em valores como o amor, a religiosidade e o patriotismo, em oposição à primazia da razão. Ambos os universos discursivos mobilizam o princípio do “regresso à natureza”, embora no Romantismo este se traduza numa valorização do agir “natural” entendido como liberdade expressiva intensificada, por vezes ilimitada e irracional, em consonância com uma subjetividade individualista, o que o coloca em tensão com a matriz normativa e racional do Neoclassicismo. Apesar de se manifestar em múltiplas áreas, foi na arquitetura que se verificou a adoção mais sistemática de linguagens do passado (Janson, 1988).

Neste contexto, começam a registar-se aplicações metálicas em elementos como gradeamentos e dispositivos ornamentais, sinalizando a integração inicial do metal em programas decorativos e de fachada (Gympel, 1996). Os arquitetos selecionam, combinam e reinterpretam repertórios formais de diferentes épocas (gótico, renascentista, barroco, clássico, etc.), procurando responder a programas novos (estações, mercados, galerias comerciais, habitação burguesa) tirando partido do ferro fundido e do ferro forjado, seguindo uma abordagem eclética. David Watkin (1977) descreve o ecletismo como uma condição estrutural da cultura arquitetónica oitocentista, marcada pela coexistência e circulação de estilos, em que a inovação raramente se apresenta como rutura total, mas como recomposição informada do passado.

No contexto do Romantismo e do Ecletismo, o ferro viabilizou a proliferação de elementos aplicados e semiestruturais em fachada - nomeadamente gradeamentos, guardas de varandas, sacadas, consolas, palas, marquises, lanternins e caixilharias - que acompanhavam a colagem estilística e a recombinação de repertórios históricos característica do período. Estes dispositivos metálicos funcionavam como uma camada de “ornamentação técnica”, capaz de reforçar a cenografia urbana e, em muitos casos, de conferir maior leveza e permeabilidade visual a composições ainda marcadas por volumetrias e gramáticas historicistas.

Embora ancorado em princípios medievais e num vocabulário naturalista de inspiração botânica, o arquiteto Augustus Welby Pugin (1812-1852) procedeu a uma reelaboração sistemática das formas da natureza, convertendo folhagens e elementos florais em composições regularizadas por grelhas e esquemas geométricos. Este processo de estilização permitiu a

geração de múltiplas combinações e padrões ornamentais de carácter contemporâneo. A sua influência estendeu-se a diversos arquitetos e designers, salientando-se William Morris (1834-1896), figura central do movimento Arts and Crafts no século XIX, que promoveu a revalorização das artes manuais, do estatuto do artista enquanto artesão e do objeto produzido, numa lógica de “retorno do homem ao ofício e à arte” (Castro & Imbronito, 2020: 413). Neste sentido, o Arts and Crafts constitui uma resposta estética e ideológica à produção material seriada decorrente do uso intensivo de maquinaria.

Em contraste com a arquitetura historicista - frequentemente entendida como volumetricamente maciça, de leitura pesada e expressão relativamente estática -, os movimentos emergentes no final do século XIX passaram a privilegiar a continuidade formal, a sugestão de movimento, a leveza e uma aproximação a uma “quase imaterialidade” visual. Sob novos princípios de conceção e de ornamentação, o estilo consolidou-se em diferentes geografias com denominações próprias: Art Nouveau (França e Bélgica), Modern Style (Inglaterra), Jugendstil (Alemanha), Sezessionsstil (Áustria) e Stile Liberty (Itália) (Gympel, 1996).

A adoção de linhas sinuosas e motivos naturalistas de carácter fluido foi tecnicamente favorecida pelas propriedades do ferro maleável, que possibilitava curvaturas, enrolamentos e elementos de secção delgada com bom desempenho mecânico. Estas potencialidades conduziram a uma deslocação do metal do domínio predominantemente utilitário - pontes, pavilhões expositivos, mercados, estações ferroviárias e outras infraestruturas, tipicamente concebidas por engenheiros - para uma utilização deliberadamente arquitetónica, na modelação de espaços interiores e exteriores e, sobretudo, na qualificação plástica de fachadas.

Nos novos programas, o ferro assume-se como linguagem decorativa e como elemento de articulação entre arquitetura e artes aplicadas. A Arte Nova caracteriza-se por floreados, formas orgânicas e referências diretas a folhagens e flores, materializadas em edifícios de linhas curvas, delicadas, irregulares e assimétricas, frequentemente combinando materiais como azulejo e metal. A integração de ambientes interiores e exteriores é construída através da continuidade entre forma e função, reforçando um efeito global de movimento e unidade compositiva.

À medida que os motivos se tornaram mais lineares e exigentes em termos de esbelteza e resistência, os componentes em ferro fundido tenderam a ser substituídos por elementos em ferro forjado, estruturalmente mais eficientes em peças delgadas e menos suscetíveis a fragilidades típicas da fundição. Nas primeiras décadas do século XX, muitas fundições reorientaram a sua atividade para a produção de componentes mecânicos e industriais, conduzindo à redução progressiva da fundição artística.

Em Portugal, a Arte Nova afirma-se no início do século XX, num período marcado pelo esbatimento do naturalismo oitocentista e pelo surgimento das primeiras manifestações de uma modernidade nacional, com incursões futuristas particularmente visíveis nas artes plásticas. No plano arquitetónico, a sua introdução foi inicialmente contida, traduzindo-se frequentemente na incorporação de elementos pontuais por arquitetos de formação académica e com experiência em restauro monumental. Gradeamentos e portões em ferro forjado do período evidenciam a influência da Arte Nova, que rejeitava a simetria como princípio dominante e procurava a harmonia através de ritmos ondulantes e linhas sinuosas.

Com a transição para a Arte Nova, o ferro passou a assumir um papel mais expressivo na definição do desenho, tornando-se particularmente adequado à materialização de linhas

sinuosas, ritmos ondulantes e motivos orgânicos inspirados na natureza. A ductilidade do ferro forjado e a possibilidade de produzir secções delgadas e curvaturas controladas favoreceram soluções decorativas de elevada plasticidade, frequentemente integradas em sistemas de serralharia artística (guardas, portões, bandeiras, vãos envidraçados), em articulação com outros materiais e artes aplicadas.

Com a Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas, realizada em Paris em 1925, consolida-se um novo estilo denominado Arte Déco (Benton et al., 2003) que constituiu um novo ideal decorativo, articulando artes aplicadas, indústria e consumo. A modernidade proposta não implicava a rejeição do ornamento, mas antes a sua reorganização segundo princípios de síntese formal, de racionalização compositiva e de adequação ao objeto e ao contexto de uso. Deste modo, a Arte Déco posiciona-se como alternativa tanto ao historicismo tardio como à exuberância orgânica da Arte Nova, promovendo uma estética de maior controlo geométrico, frequentemente baseada em simetria, axialidade, padronagens repetitivas e estilização. Incorporou o cubismo, o construtivismo e as influências exóticas (egípcia, asteca) em edifícios. Hillier (1971) identificou a influência da Arte Déco, implementada nas décadas de 20 e 30 do século XX, como a base de diversas vertentes do design moderno do século XX.

Nesta estética de síntese e racionalização formal, o ferro mantém a sua relevância, mas desloca-se para uma gramática mais geométrica e abstratizante. Observa-se a adoção de composições baseadas em grelhas, simetrias, escalonamentos, ziguezagues, motivos solares e padronagens repetitivas. A serralharia metálica torna-se um campo privilegiado para a expressão de uma modernidade decorativa, mas menos orgânica e mais tectónica, mais modular e mais alinhada com a lógica industrial.

O ferro, enquanto material industrializado e tecnologicamente versátil, constituiu um agente determinante na transformação da linguagem de fachada entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A sua disponibilidade crescente, a compatibilidade com processos de fabrico seriado e a possibilidade de execução em oficina (seguida de montagem em obra) permitiram introduzir novos componentes arquitetónicos nas fachadas dos edifícios, com impacto simultaneamente construtivo e plástico. Esta evolução foi determinante na consolidação de práticas e linguagens do período moderno, onde a relação entre material, processo e expressão se tornou estrutural para a arquitetura.

3. O CENTRO HISTÓRICO DE MAPUTO

Maputo, no passado com a designação de Lourenço Marques, constitui um caso paradigmático de urbanização colonial na África Austral, em que a cidade se forma a partir de um enclave costeiro e evolui, sobretudo a partir do final do século XIX, como nó logístico e administrativo articulado com redes regionais. A sua morfogénese resulta da conjugação entre condicionantes físico-ambientais da baía (zonas baixas, áreas húmidas, necessidade de drenagem e de saneamento do pântano, construção de aterros), a afirmação de dispositivos de controlo territorial e a progressiva institucionalização de instrumentos de ordenamento e de saúde pública.

Numa primeira fase, entre a instalação inicial portuguesa e meados do século XIX, prevalece um assentamento de carácter defensivo-comercial, ainda pouco estruturado, em torno da Velha Fortaleza, construção original do século XVII e reconstruída nos finais da década de

1940 e inícios da de 1950, abrindo ao público em 4 de outubro de 1955 na qualidade de Museu Histórico-militar (Mendonça e Mendonça, 2021). O tecido urbano é reduzido e descontínuo, com construções pontuais e uma organização espacial mais espontânea do que planeada, refletindo a intermitência de investimentos e a fragilidade das infraestruturas num contexto de fronteira imperial.

O Plano Araújo, aprovado em 1892 (Bruschi e Lage, 2005) representa um marco inicial no processo de urbanização planeada, influenciando a emergência de uma cidade estruturada segundo princípios de ordenamento moderno, alinhados com as práticas urbanísticas coloniais da época. Em 1895 assiste-se à chegada do primeiro comboio pela linha férrea construída para ligação ao Trasvaal afirmando-se, então, a cidade como um importante centro administrativo, comercial e portuário da África Austral.

Em 1898, a elevação de Lourenço Marques a capital da Província conferiu-lhe uma acrescida centralidade política, com reflexos na sua configuração física, traduzidos na intensificação dos processos de melhoramento urbano. Paralelamente, o porto, enquanto epicentro do crescente desenvolvimento urbano, foi objeto de sucessivas intervenções de ampliação e de modernização das suas infraestruturas e equipamentos.

Nesse final do século XIX e início do século XX, a cidade integra-se plenamente na economia regional através do porto e da ligação ferroviária ao *hinterland* sul-africano. O ciclo infraestrutural induz um crescimento acelerado, a regularização de arruamentos e a consolidação de um centro funcional orientado para comércio, serviços e administração. Ao mesmo tempo, as agendas de saneamento e melhoramentos urbanos ganham expressão, tanto por razões técnicas (drenagem, circulação, abastecimento) como por argumentos higienistas que legitimam intervenções sobre o tecido existente.

Remontam à segunda metade do século XIX um conjunto de edifícios que vêm a ser classificados pela Lei 10/88 de 22 de Dezembro sobre a Proteção do Património Cultural:

- o edifício Casa Amarela, anterior a 1866 (Lage e Carrilho, 2010), atual Museu da Moeda considerado o edifício mais antigo de Maputo, que veio a ser Residência do Governo (em 1873), localizado na Praça da Picota e depois Praça 7 de março (atual Praça 25 de junho) (Classificado por Tombo, por portaria em 1964);
- a Casa dos Azulejos com construção anterior a 1879 (Lima, 1966) que veio a ser a Sede da Câmara Municipal (1888), localizada na antiga Avenida 18 de maio (atual Avenida Mártires de Inhamitanga) (sem registo de Tombo) ;
- o Tribunal Supremo (1890) obra do arquiteto F. A. Bodde, de Pretória, que veio a designar-se por Vila Jóia, sendo residência de Gerard Pott, Cônsul do Transvaal (1890-1915), mais tarde Museu Provincial (1916-1933) localizado na zona nascente do Jardim Municipal Vasco da Gama (atual Jardim Tunduru) (sem registo de Tombo);
- a Casa de Ferro (1892) edifício pré-fabricado importado da Bélgica sob o sistema Danly, para servir de residência do Governador Geral da Colónia, originalmente localizado na avenida D. Manuel (atual Josina Machel) e atualmente localizado na Avenida Samora Machel (Classificado por Tombo, através do Decreto n.º 69/2024) ;
- o edifício associado a um clube social (1898) que foi posteriormente o Hotel Clube (1917) correspondendo desde 1993 ao Centro Cultural Franco-Moçambicano,

localizado na antiga Avenida Dom Luiz, hoje Avenida Samora Machel (Classificado por Tombo, através do Decreto n.º 68/2024).

Cerca de 1885 ocorre o início da criação de um jardim pela Sociedade de Arboricultura e Floricultura, mais tarde designado Jardim Municipal Vasco da Gama (atual Jardim Tunduru) que desempenhou um papel fundamental na estrutura pública e de áreas verdes da cidade, acentuado pela proximidade com o centro, através da Praça Mousinho de Albuquerque (atual Praça da Independência).

A partir de 1900, teve início o abastecimento regular de eletricidade e de água, sob a gestão da empresa inglesa Delagoa Bay Development Company, empresa também responsável pela exploração dos serviços de elétricos e de telecomunicações, bem como pela prestação de diversos serviços a entidades governamentais, municipais e portuárias (Morais, 2001).

Num contexto de renovação da zona do porto, procedeu-se ao redesenho da Avenida 18 de Maio (atual Avenida Mártires de Inhamitanga), em alinhamento com a Praça Sete de Março (atual Praça 25 de Junho). A Rua Araújo (atual Rua do Bagamoyo) é assumida como um elemento estruturante da expansão da área comercial.

Os quarteirões a Este da Baixa, cujo plano marginal na Avenida Augusto Castilho (Vladimir Lenine) vinha já indicado no “Plano Araújo”, consolidam-se, suportando a continuidade da Avenida D. Carlos (25 de setembro) e a localização do traçado da segunda via a Este. A métrica de quarteirões absorve as preexistências, adotando as referências do núcleo antigo e dos quarteirões de menor superfície do “Plano Araújo”.

O Mercado Municipal Vasco da Gama (Atual Mercado Central), construído entre 1901 e 1903 por empreitada de David & Carvalho, ocupa o espaço daquela que seria a Praça Vasco da Gama, conferindo-lhe uma lógica de quarteirão, segundo o “Plano Araújo” (Morais, 2001). Localizado junto à parte antiga da cidade, estava implantado na via principal da cidade, a antiga Avenida D. Carlos I e da República, atual Avenida 25 de setembro. O Mercado Municipal corresponde a uma obra em alvenaria, assinada por Fernando Maria Quintela, com as asnas de ferro encomendadas na Bélgica.

Nesta avenida surge também o Edifício das Obras Públicas (depois Fazenda e atualmente Biblioteca Nacional), da autoria do arquiteto Mário Veiga e do engenheiro H. Barahona, construído entre 1903 e 1904, e os Correios, projeto de 1899 da autoria de Carlos Roma Machado, construído entre 1904 e 1905.

Um outro plano, datado de 1909-1910, surgiu enquadrado num estudo de reformas e ampliações do porto, sob a coordenação do engenheiro Costa Serrão adotando o traçado do “Plano Araújo” como elemento estruturante da orientação do novo traçado. As avenidas Cândido dos Reis (atualmente integrada na estrutura portuária) e da República (atual 25 de setembro) são prolongadas até à linha da costa.

Entre 1908 e 1910 ergueu-se o edifício da nova estação de Caminho de Ferro que passou a constituir um marco arquitetónico na malha da baixa, próximo do porto e do centro administrativo/comercial. Foi sendo remodelada, tendo a sua inauguração definitiva ocorrido em 1916. O projeto é da autoria dos engenheiros portugueses Alfredo Augusto Lisboa de Lima, Mário Veiga e Ferreira da Costa.

Nestas décadas do século XX, as grandes construções públicas realizadas em pedra e betão armado, mudaram o aspeto da cidade, tendo-se destacado a obra do arquiteto português, José

Cristiano de Paula Ferreira da Costa (1879 - 1919) que chegou a esta cidade em 1912 onde realizou o edifício do Banco Nacional Ultramarino e o teatro Gil Vicente, entretanto destruídos (Corvaja, 2003). Na mesma localização desta última instalação de espetáculos, foi construído, na década de 1930, o cinema Gil Vicente, localizado na então Avenida Dom Luiz, atual Avenida Samora Machel, iniciativa de Manuel Augusto Rodrigues, sendo progressivamente alterado.

Também, enquanto sala de espetáculos, realça-se o Cine-Teatro Scala, localizado na atual Avenida 25 de Setembro, foi construído em 1931, pela Transvaal Delagoa Bay Investment Company, sendo o primeiro cinema sonoro de Moçambique, mantendo-se ativo com exibições de filmes, teatro e eventos culturais.

É desta mesma década de 1930, o projeto de construção da Sé Catedral - Catedral de Nossa Senhora da Conceição – da autoria do engenheiro Marcial Freitas e Costa. Começou a ser construída em 1936 e foi inaugurada a 14 de Agosto de 1944 (Lage e Carrilho, 2010). Neste edifício regista-se uma torre sineira resultante do escalonamento em altura da fachada frontal e uma nave central abobadada em betão armado.

A Figura 1 mostra um esquema da Baixa da cidade de Maputo e a localização dos edifícios notáveis da segunda metade do século XIX e inícios do século XX que têm elementos estruturais ou decorativos em ferro fundido e/ou forjado.

Figura 1. Esquema da Baixa da cidade de Maputo



Fonte: autores e Designer Gráfico Michael Rosa

4. METODOLOGIA

A investigação foi faseada envolvendo uma revisão bibliográfica, observação direta dos elementos férreos através de trabalho de campo e uma investigação interpretativa. Define-se

uma estrutura com duas componentes, uma abordagem teórica e uma prática. Na teórica trabalha-se com a recolha de informação e a sua sistematização, organização e análise dos dados sobre o objeto de estudo.

Para a revisão de literatura, recorreu-se a informação de livros de bibliotecas portuguesas, do Arquivo Histórico Ultramarino e do Arquivo Científico Tropical e foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial (IA) como recursos de busca avançada. Ferramentas distintas como a versão 5.2 do ChatGPT (OpenAI), do Gemini 2.5 Flash (Google) e do Perplexity (Perplexity AI) que foram amplamente utilizadas em abril e maio de 2026, complementarmente, com esse objetivo, oferecendo cada uma, diferentes níveis de profundidade e alcance nas buscas realizadas. Também se recorreu ao Gemini no apoio à produção das imagens gráficas (versão com modelo Imagen 3).

A recolha de dados no centro histórico de Maputo foi feita por observação direta, entre 25 e 29 de julho de 2025, através de deslocações efetuadas aos edifícios públicos ou de uso coletivo que tinham elementos decorativos em ferro fundido e forjado visíveis da fachada principal. Este trabalho foi acompanhado com um levantamento fotográfico.

5. RESULTADOS

O estudo de artefactos em ferro fundido e/ou forjado efetuado no centro histórico de Maputo, permitiu identificar a existência de uma grande quantidade e variedade de elementos estruturais e decorativas de ferro fundido e forjado na arquitetura dos edifícios. Esta intensidade ocorre, sobretudo, nos edifícios públicos e privados do final do século XIX e inícios do século XX, localizados na proximidade do porto e da estação de caminhos de ferro.

Dada a exiguidade temporal para a realização do trabalho de campo, a investigação focalizou-se nos edifícios, públicos ou de uso coletivo, com elementos de ferro fundido ou forjado visíveis da fachada principal. A Figura 2 identifica os Edifícios públicos do século XIX da Baixa da cidade de Maputo e dá exemplos de elementos estruturais ou decorativos em ferro fundido e/ou forjado.

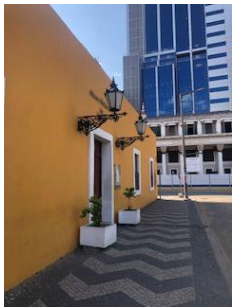
O edifício da Casa Amarela é térreo e apresenta uma composição simples e funcional tendo uma arquitetura geralmente classificada como indo-portuguesa, isto é, uma síntese entre matriz portuguesa e influências indianas presentes na construção colonial do Índico. A ladear a porta principal tem candeeiros – braços em consola ornamental - em ferro fundido com desenho vegetalista e volutas, de estilo historicista, neorrocó industrial. A lanterna em si é mais funcional e padronizada, o que aponta para mobiliário urbano tardio (final do séc. XIX ou início do XX).

O edifício do Tribunal Supremo apresenta uma fachada com traços clássicos (simetria, pilastras e molduras) articulada com soluções decorativas que misturam neoclássico e ecletismo, ilustrando influência do estilo vitoriano na arquitetura colonial. As varandas em ferro forjado seguem a tradição do ferro decorativo de inspiração europeia, com motivos florais, volutas e padrões geométricos leves, típicos da Arte Nova, mas com alguma influência neobarroca/Beaux-Arts, visível na organização centralizada e mais “clássica” do painel.

A Casa de Ferro é um exemplar singular de arquitetura industrial do século XIX. O edifício é composto inteiramente por placas de ferro e componentes de aço importados. As chapas de ferro possuem padrões geométricos estampados, no entanto a estética decorativa é contida,

limitando-se aos relevos estampados nas chapas de ferro e ao gradeamento em ferro forjado das varandas e da escadaria exterior, que conferem uma leveza visual ao volume metálico pesado.

Figura 2. Edifícios públicos do século XIX com elementos estruturais ou decorativos em ferro da Baixa da cidade de Maputo

Lista dos edifícios analisados do século XIX	Fotos (Julho de 2025)	Pormenores Ferro Fundido Ferro Forjado
Casa Amarela (anterior 1866) considerado o edifício mais antigo de Maputo Residência do Governo (1873) Atual Museu da Moeda (desde 1981)		
Tribunal Supremo (1890) Vila Jóia, residência de Gerard Pott, Cônsul do Transvaal (1890-1915) Museu Provincial (1916-1933)		
Casa de Ferro Direção Nacional do Património Cultural (1892) Edifício pré-fabricado importado para servir de residência do Governador Geral da Colónia		
Centro Cultural Franco-Moçambicano (1898) Hotel Clube (1917)		 

Fonte: autores

O edifício do Centro Cultural Franco-Moçambicano apresenta uma planta retangular de dois pisos, marcada por um alpendre no piso térreo e uma extensa varanda contínua no piso superior, que percorre toda a fachada. O seu conjunto reflete o ecletismo arquitetónico típico do final do século XIX. O edifício apresenta uma estrutura clássica adaptada ao clima tropical, com fachadas sólidas que buscavam conferir imponência e conforto térmico aos espaços de lazer e estadia. O edifício caracteriza-se pela presença de elementos em ferro, incluindo pilares e estruturas metálicas que constituem componentes decorativos nas galerias e varandas. As grades das varandas em ferro forjado e fundido apresentam um desenho geométrico e verticalizado, com arcos apontados e formas que lembram ogivas traduzindo um revivalismo neogótico, integrado num contexto eclético. As mênulas apresentam uma estrutura curva com enrolamentos, onde predomina um vocabulário Arte Nova, visível nas linhas fluidas, orgânicas e assimétricas, com motivos vegetalistas e curvas contínuas. No entanto, também há influência do ecletismo oitocentista / ferro vitoriano.

A Figura 3 identifica os Edifícios públicos ou de uso coletivo das primeiras três décadas do século XX localizados na Baixa da cidade de Maputo e apresenta exemplos de elementos estruturais ou decorativos em ferro fundido e/ou forjado.

O Mercado Central apresenta uma estrutura metálica em ferro, alvenaria e coberturas em chapa de zinco. O conjunto apresentando uma linguagem arquitetónica neoclássica, adaptada ao clima tropical através dos seus ensombramentos e da ventilação. O edifício é marcado por um corpo térreo com torreão/cúpula central, portal de entrada saliente e vãos em arco redondo. Os pilares elegantes com base e capitel discretos de ferro fundido e as asnas curvas e leves de ferro inserem-se numa estética eclética de matriz industrial do início do século XX.

Os edifícios da Biblioteca Nacional e dos Correios de Moçambique do ponto de vista da composição arquitetónica enquadra-se na atitude mista, revivalista e monumental tardia, referida ao classicismo francês e à escola neoclássica italiana. As bandeiras em ferro forjado (com elementos em ferro fundido) das janelas evidenciam um trabalho ornamental de grande delicadeza, marcado por uma composição simétrica estruturada em torno de um eixo central. O desenho desenvolve-se através de volutas entrelaçadas e motivos vegetalistas estilizados, cujas linhas curvas e fluidas evocam alguma influência da estética Arte Nova.

O edifício principal da Estação dos Caminhos de Ferro reflete a grandiosidade europeia do início do século XX através de elementos clássicos e industriais. O edifício apresenta uma fachada simétrica, organizada em dois pisos, que combina arcadas no andar térreo com varandas no piso superior. Apresenta uma imponente cúpula metálica central, que se destaca em tons de verde e branco, e possui colunatas de ferro decoradas e pilares de mármore.

O pormenor da varanda em ferro forjado da fachada principal do edifício da estação mostra uma composição muito centrada na simetria e na repetição de motivos circulares, com enrolamentos em espiral e elementos florais estilizados. Os montantes verticais, os remates em forma de pináculo e a grelha metálica decorativa dão-lhe uma aparência de varanda urbana de prestígio, típica de edifícios de início do século XX. Predominam as linhas curvas e os ritmos orgânicos, o que aproxima o conjunto do vocabulário Arte Nouveau mas a geometrização e a regularidade da composição também sugerem uma leitura mais tardia, com afinidades com o Arte Déco.

Figura 3. Edifícios do século XX com elementos estruturais ou decorativos em ferro da Baixa da cidade de Maputo

Lista dos edifícios analisados do século XX	Fotos (Julho de 2025)	Pormenores Ferro Fundido Ferro Forjado
Mercado Central (1901-1903)		
Biblioteca Nacional (1903-1904) Repartição das Obras Públicas e a seguir Fazenda (1904-1964)		
		
Correios de Moçambique (1904-1905)		
		
Estação dos Caminhos de Ferro de Moçambique (1908-1910)		
		

Fonte: autores

O portão integrado nas instalações da Estação de Comboios apresenta características de Arte Nova com as linhas curvas e ondulantes muito fluidas, os motivos orgânicos e vegetalistas estilizados, a assimetria na composição decorativa (Figura 4).

No edifício do Cine-Teatro Scala destaca-se a fachada simples e alegre, com elementos modernistas como speed-lines e geometrias limpas. Representa o modernismo português dos anos 1930, com influências Arte Déco na composição urbana. O desenho da guarda de ferro forjado da varanda é marcado pela geometrização e por uma ênfase na simetria. A guarda complementa a verticalidade das janelas e a sobriedade da fachada, contribuindo para a unidade visual que caracteriza a estética Arte Déco aplicada a edifícios deste período.

Figura 3. Edifícios do século XX com elementos estruturais ou decorativos em ferro da Baixa da cidade de Maputo (continuação)

Lista dos edifícios analisados do século XX	Fotos (Julho de 2025)	Pormenores Ferro Fundido Ferro Forjado
Cine-Teatro Scala (1931)		
Cinema Gil Vicente (1933)		
Sé Catedral (1936-1944)		

Fonte: autores

Figura 4. Portão Arte Nova localizado na Estação dos Caminhos de Ferro de Maputo



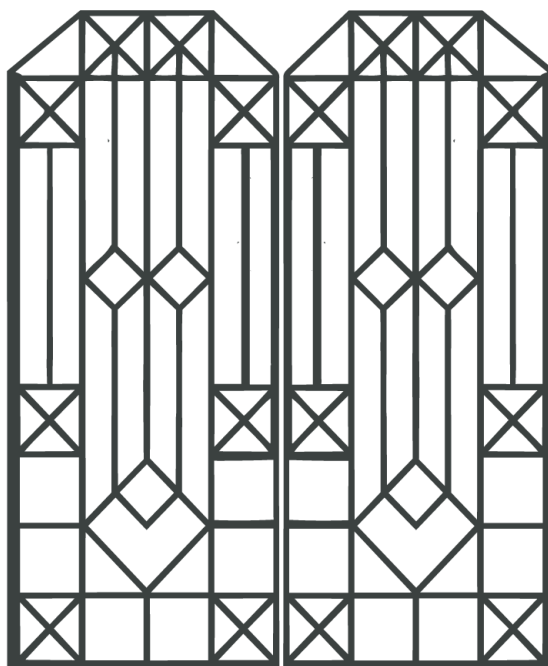
Fonte: autores e Designer Gráfico Michael Rosa

O antigo Teatro/Cinema Gil Vicente apresenta-se como um exemplo emblemático do estilo arquitetónico Arte Déco. A fachada Arte Déco apresenta um friso superior que mimetiza um friso clássico, servindo de base para o letreiro luminoso do teatro. A fachada é marcada por uma grande pala que acompanha toda a sua extensão, conferindo dinamismo ao volume e elementos arquitetónicos verticalizados onde se destaca uma grelha em ferro com linhas verticais marcadas e diagonais formando “X”, composição repetitiva e geométrica que se enquadra no Arte Déco. Bem integrada no volume arquitetónico do edifício também depurado e verticalizado. O portão apresenta um estilo influenciado pelo Arte Déco: ocorre uma geometrização rigorosa através do uso de linhas retas, diagonais e formas como losangos e quadrados (Figura 5). Apresenta uma repetição modular em que o padrão se repete de forma rítmica, assim como, uma composição simétrica em que as duas folhas do portão equilibram-se visualmente.

O edifício da Sé Catedral traduz uma arquitetura religiosa modernista, caracterizada por um desenho que transita entre o Arte Déco e uma linguagem monumentalizante. As portas em ferro apresentam características do estilo Arte Déco, com uma possível adaptação local: ocorre uma geometrização rigorosa com um uso intensivo de padrões repetitivos com linhas retas, quadrados, losangos e grelhas modulares, típicos do vocabulário Arte Déco. Ocorre uma simetria axial forte em que a composição é perfeitamente equilibrada em torno do eixo central, reforçando a ideia de ordem e modernidade. Regista-se um motivo decorativo estilizado: no topo de cada folha surge um elemento que lembra uma flor ou palmeta, tratado de forma abstrata

e angular, o que é muito característico do Arte Déco, que simplifica formas naturais. As linhas verticais são alongadas o que contribui para um efeito elegante e ligeiramente monumental.

Figura 5. Portão Arte Déco localizado no Teatro Cinema Gil Vicente



Fonte: autores e Designer Gráfico Michael Rosa

Os edifícios públicos do final do século XIX da Baixa da cidade de Maputo evidenciam a articulação entre repertórios clássicos e soluções construtivas e decorativas em ferro no contexto urbano colonial. O Tribunal Supremo combina uma composição de matriz clássica com um ecletismo de influência vitoriana, onde as varandas em ferro forjado integram motivos próximos da Arte Nova, mas organizados segundo uma lógica mais centralizada e monumental associável ao universo Beaux-Arts/neobarroco. A Casa de Ferro constitui, por sua vez, um exemplar singular de arquitetura industrial oitocentista, integralmente metálica, com decoração contida e valorização plástica dos padrões estampados e do gradeamento. Já o Centro Cultural Franco-Moçambicano expressa um ecletismo tardio adaptado ao clima tropical, conjugando varandas e galerias em ferro com um revivalismo neogótico e detalhes de vocabulário Arte Nova, mantendo, contudo, afinidades com a tradição do ferro vitoriano.

Efetivamente, de acordo com Corvaja (2003) a cidade de Maputo, entre o fim do século XIX e começos do século XX, sentiu a influência, nas suas construções, do estilo “vitoriano”, que andava de moda na vizinha Johannesburgo, tendo-se recorrido a varandas de ferro fundido, mais ou menos trabalhadas, combinadas com fundações em cimento.

Em relação aos edifícios públicos analisados do século XX, revelam a coexistência de linguagens revivalistas e monumentais com soluções construtivas de matriz industrial, ocorrendo o uso do ferro fundido e forjado. O Mercado Central destaca-se pela adaptação do neoclassicismo ao clima tropical, enquanto a Biblioteca, os Correios e a Estação afirmam uma

representação institucional de inspiração europeia, enriquecida por um trabalho ornamental em ferro de grande qualidade. Nos pormenores decorativos, sobressaem afinidades com a Arte Nova e, pontualmente, sinais de transição para uma maior geometrização próxima do Arte Déco. Esta estética está bem presente na Sé Catedral, cuja monumentalidade modernista é consolidada por portas em ferro de forte simetria axial e padrões modulares (quadrados, losangos e grelhas), integrando motivos estilizados de inspiração natural tratados de forma abstrata.

Os dois cine-teatros analisados evidenciam a afirmação de uma modernidade arquitetónica associada ao vocabulário Arte Déco e ao modernismo dos anos 1930, marcada pela depuração formal, pela verticalidade e pela geometrização. No Cine-Teatro Scala, a simplicidade compositiva e os motivos modernistas articulam-se com uma guarda em ferro forjado de desenho simétrico e rigorosamente geométrico, reforçando a unidade visual da fachada. No antigo Teatro/Cinema Gil Vicente, a linguagem Arte Déco é particularmente expressiva, tanto na organização verticalizada do alçado e na grelha metálica repetitiva, como no portão de composição modular e simétrica baseado em linhas retas e diagonais.

6. CONCLUSÕES

Os resultados obtidos demonstram que na cidade de Maputo os elementos decorativos em ferro assumem elevada expressividade artística e constituem testemunhos materiais de distintos ciclos culturais, com particular incidência no Ecletismo, presença pontual da Arte Nova e predominância mais ampla da Arte Déco. Confirma-se neste caso particular a globalização cultural destas estéticas que padronizaram a paisagem urbana com novas linguagens visuais.

Este património arquitetónico, não obstante, estar marcado por períodos históricos de conflitos de dominação e de afirmação colonialista, é moçambicano e faz parte integrante da globalização cultural. Este património evidencia a ligação de Moçambique a redes culturais mais amplas, mostrando como influências externas podem ser incorporadas e reinterpretadas, produzindo um legado que é simultaneamente local e global.

Os artefactos de ferro fundido e forjado contribuem, de forma decisiva, para a qualificação estética da paisagem urbana e para a consolidação da identidade cultural da cidade de Maputo, reforçando a legibilidade histórica do seu tecido edificado.

Neste contexto, o património associado ao ferro fundido e forjado do centro histórico configura uma oportunidade estratégica para a valorização do espaço urbano, potenciando a atratividade do núcleo antigo e a dinamização do turismo cultural. Atendendo ao seu valor patrimonial, impõe-se a definição e implementação de estratégias integradas de salvaguarda e reabilitação dos elementos em ferro fundido e ferro forjado, assegurando a sua conservação, a manutenção da autenticidade e a transmissão deste legado às gerações futuras, contribuindo para a sustentabilidade cultural.

O movimento New European Bauhaus, orientado para a transformação urbana, estrutura-se em torno de três eixos fundamentais — sustentabilidade, inclusão e estética/arte —, atribuindo centralidade à qualidade da experiência urbana. Neste quadro, o património arquitetónico, enquanto recurso cultural dotado de valor estético e artístico legível na paisagem construída, poderá reforçar a memória coletiva da cidade de Maputo e pode constituir um ativo relevante para a qualificação da experiência turística. Este paradigma oferece, assim, uma

oportunidade para revalorizar e estruturar rotas pedonais de reconhecido interesse cultural, promovendo formas de fruição mais próximas, acessíveis e integradas no quotidiano urbano.

Impõe-se, porém, a definição de uma estratégia municipal de salvaguarda dos elementos arquitetónicos em ferro fundido e ferro forjado, assente em medidas específicas de prevenção e conservação. Tal estratégia deverá contemplar ações de capacitação e formação, mecanismos de acompanhamento técnico aos proprietários e instrumentos de apoio financeiro articulados entre administração central e poder local. Para viabilizar intervenções de substituição pontual e reposição de componentes de ferro, torna-se igualmente determinante assegurar a preservação de peças históricas provenientes de edifícios devolutos ou em fase inicial de obra, mediante a criação e operacionalização de bancos de materiais, de natureza municipal ou privada, que permitam a sua inventariação, guarda e reutilização qualificada.

Num contexto de sustentabilidade, marcado pela valorização de atividades ao ar livre, as rotas pedonais centradas no património arquitetónico podem assumir um caráter diferenciador, reforçando a atratividade do centro histórico e contribuindo para modelos de turismo mais sustentável, de menor impacto e com maior retorno cultural para a comunidade local.

AGRADECIMENTOS

Este artigo é financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/04020/2025 (CinTurs) com o DOI <https://doi.org/10.54499/UID/04020/2025>. Agradecimento pela Bolsa Erasmus+ Programme International Credit Mobility Contract - UALG ALLIANCES 2022-2025 Call 2022 – KA1 – Learning Mobility of Individuals – Staff mobility for teaching and training activities between programme and partner countries. Ao Professor Doutor Carlos Trindade, Diretor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique, por ter viabilizado a estadia científica (23 a 29 de julho de 2025).

BIBLIOGRAFIA

- Aguiar, J. (2005). *Cor e Cidade Histórica*. FAUP: Porto.
- Benton, C., Benton, T., Wood, G., & Baddeley, O. (2003). *Art Deco: 1910-1939*. Bulfinch Press: United States of America.
- Bruschi, S., & Lage, L. (2005). *O desenho das cidades. Moçambique até o Século XXI*, FAPF: Maputo.
- Castro, J. B. de, & Imbronito, M. I. (2020). A Superfície Decorada do Ladrilho Hidráulico e os Movimentos Arts and Crafts, Art Nouveau e Art Déco. *Educação Gráfica*, 24(1), 412 – 428.
- Cervera Sardá, M. R. (2006). *El hierro en la arquitectura madrileña del siglo XIX*. Ed. La Librería: Alcalá de Henares.
- Corvaja, L. (2003). Maputo. Desenho e Arquitectura. Edições FAPF: Maputo.
- Dessein, J., Soini, K., Fairclough, G., & Horlings, L.G., Eds. (2015). *Culture in, for and as Sustainable Development. Conclusions from the COST Action IS1007 Investigating Cultural Sustainability*. University of Jyväskylä: Jyväskylä.

- Gympel, J. (1996). *Geschichte der Architektur – Von der Antike bis heute*. Konemann: Colonia.
- Hillier, B. (1971). *The World of Art Deco: An Exhibition Organized by The Minneapolis Institute of Arts*. E. P. Dutton: USA.
- Hawkes, J. (2001). *The Fourth Pillar of Sustainability: Culture's Essential Role in Public Planning*. Common Ground Publishing: Melbourne, Australia.
- Jacobs, P., Gardner, J., & Munro, D. A. (1987). Sustainable and equitable development: an emerging paradigm. In *Conservation with equity: strategies for sustainable development*. P. Jacobs, & D. Munro, Eds.; IUCN: Cambridge, UK, 17–29.
- Janson, H.W. (1988). *Iniciação à História de Arte*. Martins Fontes: São Paulo.
- Lage, L. , & Carrilho, J. (coords) (2010). *Inventário do Património Edificado da Cidade de Maputo: Catálogo de Edifícios e Conjuntos Urbanos Propostos para Classificação*. Edições FAPF: Maputo.
- Lima, A. P. (1966). *Edifícios Históricos de Lourenço Marques*. Livraria e Tipografia Académica: Lourenço Marques.
- Mendonça, L. F. de, & Mendonça, R. (2021). Culto dos monumentos históricos e projeto imperial na década de 1940: Negociando um passado colonial em Maputo e além. *Revista Brasileira De Gestão Urbana*, 13(4).
- Montaner, J. M. (2001). *Depois do Movimento Moderno: Arquitetura da Segunda Metade do Século XX*. Gustavo Gili: Barcelona.
- Morais, J. S. (2001). *Maputo: Património da estrutura e forma urbana: topologia do lugar*. Livros Horizonte: Lisboa.
- Soini, K., & Birkeland, I. (2014). Exploring the scientific discourse on cultural sustainability. *Geoforum*, 51, 213–223.
- Soini, K., & Dessein, J. (2016). Culture-Sustainability Relation: Towards a Conceptual Framework. *Sustainability*, 8 (2), 167-178.
- Stylianou-Lambert, Y., Boukas, N., & Christodoulou-Yerali, M. (2014). Museums and cultural sustainability: stakeholders, forces, and cultural policies. *International Journal of Cultural Policy*, 20(5), 566-587.
- Watkin, D. (1977). *Morality and architecture*. Clarendon Press: Oxford.
- Sachs, I. (2002). *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*, 4.º Edição; Garamond: Rio de Janeiro.